

# OS CAMINHOS DE PERTO E DE LONGE

LAURA CASTRO\*

**Resumo:** A inscrição de obras e intervenções artísticas contemporâneas em espaços públicos, em circuitos urbanos e em paisagens, problematiza a relação da arte com o lugar. Este artigo aborda, de forma sumária, a prática artística em que aquela relação se configura através do caminho, literal ou metafórico, explícito ou implícito. Esta ideia será também tratada nos modelos museológicos contemporâneos que, dispostos no território, requerem a abertura de caminhos. Finalmente, apresenta-se uma breve nota, esta metafórica, sobre o modo como o caminho pode ser entendido na confluência disciplinar e epistemológica do nosso tempo. Nas três situações é de uma paisagem reconstruída que estamos a falar.

**Palavras-chave:** Arte Contemporânea; Paisagem; Caminho.

**Abstract:** Contemporary art works and interventions installed in public spaces, in urban circuits and in landscapes, problematize the relation between art and place. This paper addresses artistic practice dealing with that relation, through the idea of path, either explicit or implicit, either literal or symbolic. The same idea is examined in relation to the engagement of museological models in the landscape where trails are required. Finally, the path will be understood in a metaphorical sense, at the crossroads of disciplinary fields and new epistemological perspectives. In these three contexts, it is of a reconstructed landscape we are talking about.

**Keywords:** Contemporary art; Landscape; Path.

---

\* Universidade Católica Portuguesa – Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR), Escola das Artes, Porto. lcastro@porto.ucp.pt.

Começarei por situar este contributo na homenagem a alguém que tive como professor – Carlos Alberto Ferreira de Almeida –, nesta casa que é a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, para quem a história da arte vivia num amplo território ocupado pela iconografia, pela estética, pela antropologia, pela arqueologia, pelos estudos de património. No seu discurso oral, durante as aulas, umas vezes de modo mais organizado e outras nem tanto, umas vezes de forma explícita e outras implícita, cabiam os saberes que compõem os painéis deste congresso *Genius Loci Lugares e Significados*, o que o coloca no seio de uma articulação e de uma abrangência disciplinar que são, a todos os títulos, notáveis.

Entrando no assunto que corresponde ao painel em torno de *Vias, Paisagem e Território*, direi que os caminhos constituem uma peça chave da configuração de trânsitos e núcleos culturais da contemporaneidade, bem como escolhas privilegiadas de artistas que intervêm no território.

Esta conferência trata, pois da reclamação do território para a arte e a cultura, recuperando a expressão *land reclamation*, adoptada para designar intervenções que se desenvolvem a partir dos anos 70 do século XX, em que *earthworks* eram mesmo entendidos como uma forma de escultura<sup>1</sup>. Esta acção de reclamação do território para a arte e a cultura é um outro modo de dizer criar paisagem, acto que cabe aos artistas, em primeiro lugar, mas também aos visitantes, em segundo lugar e, finalmente, aos investigadores. Retiramos do âmbito deste artigo outros elementos relevantes, os encomendadores, os patrocinadores, os programadores e os curadores que são, também eles, peças chave da ocupação do território pela arte e da concepção e construção de novas paisagens, para nos mantermos na trilogia indicada.

Haveria que regressar a alguns dos arquitectos do conceito de paisagem, sistematicamente citados, tal é a importância do seu pensamento sobre este conceito e os outros que lhe estão associados: natureza, território, ambiente e meio. Desde logo, o italiano Assunto (1915-1994), para quem o território tem um significado quase exclusivamente espacial, de valor extensivo e quantitativo; o meio tem um significado histórico-cultural que envolve as condições de vida favorecidas ou dificultadas pelo território; e a paisagem é a entidade global na qual se exprime o território (matéria bruta) e o meio (conteúdo)<sup>2</sup>. Depois, Alain Roger que também distingue território, do domínio da geografia e da ecologia, espécie de grau-zero da paisagem; ambiente, de conotação científica; paisagem, de origem artística e estética, considerada a *artefactação* do território<sup>3</sup>. Finalmente, o incontornável

<sup>1</sup> MORRIS, 1980: 87-102.

<sup>2</sup> ASSUNTO, 2002: 60-63.

<sup>3</sup> ROGER, 1978.

Augustin Berque, sublinha a sua dimensão de criação cultural confirmada pelo “inquerito” que realizou às civilizações de paisagem<sup>4</sup>.

Nestes autores, o entendimento da paisagem implica uma entidade que se gera no relacionamento com um sujeito e não um dado absoluto dele desligado. A paisagem é mediação, instância relacional por excelência e qualquer percepção, conhecimento, relação do sujeito com o território são mediados por ela.

Haveria ainda que regressar à paisagem como factor de mudança e de inovação, através de James Corner que opõe a paisagem sentida, nostálgica do irremediavelmente perdido à paisagem como estratégia, projecto, instrumento ambicioso de mudança, meio de intervenção.

Nesta acepção, marcada por menos cenário e mais intervenção, por menos sentimento estético e mais experiência, entender-se-á o papel da arte como criação de património contemporâneo<sup>5</sup>.

Numa visão pluralista a paisagem é, portanto, um produto do ver e do agir; uma forma de representação cultural e de acção; uma imagem ideal e, principalmente, um instrumento eficaz de intervenção.

## CAMINHOS DA ARTE

As intervenções artísticas geradoras de paisagem apelam a uma tipificação que evoca valores associados à contemplação da natureza, à identificação com esta entidade, à revelação do seu carácter<sup>6</sup>. Entre as tipologias mais frequentes, encontram-se: abrigos, moradas, refúgios; cabanas e outros lugares protegidos, de meditação e de reflexão; observatórios, janelas, parapeitos, plataformas, torres e outros equipamentos de fruição da paisagem; simulação de processos em obras que integram os ciclos de vida e de morte dos elementos naturais; espaços destinados a experiências sonoras e lumínicas – câmaras, celas, cilindros, silos, cúpulas; e, finalmente, acessos, corredores, escadas, caminhos, trilhos, túneis, pontes, passagens. É desta última tipologia que me ocuparei em seguida, mediante uma selecção não exaustiva, mas meramente representativa da corrente que ocupa o território e lida com a arte rente ao solo, através da definição de caminhos, da marcação de lugares e de vias abertas ao diálogo com a natureza. Trata-se de uma corrente que não cessa de aumentar, surgindo constantemente novas intervenções.

---

<sup>4</sup> BERQUE, 1995.

<sup>5</sup> CORNER, ed., 1999.

<sup>6</sup> SCHULZ-DORNBURG, 2002.

Com os artistas, a experiência do andar pôde ascender ao estatuto de arte. Francesco Careri sistematiza os modos de andar, as caminhadas, o espírito errático, o sentimento nómada, o andar obsessivo em diferentes civilizações e desvenda o modo como, ao desvincular-se de rituais e significados religiosos, esse andar se converte numa prática estética no século XX, afirmando:

*[...] alguns artistas da land art descobriram de novo, no andar, um acto primário de transformação simbólica do território, uma acção que não implica uma transformação física do território, mas sim uma travessia através do mesmo, uma frequência que não tem necessidade de deixar marcas permanentes [...]*<sup>7</sup>.

Se a desvinculação do religioso pode ter sido substituída por outra dimensão simbólica, tal não implica o abandono do sagrado, como exprimem, de forma claríssima, os percursos de Hamish Fulton (1946) que o próprio recupera das peregrinações de origem medieval a Cantuária, depois transformadas pela dimensão estética. Hamish Fulton protagoniza também a resistência ao sistema artístico da objectificação e da mercantilização, em favor de uma experiência individual e intransmissível. As suas caminhadas ficaram marcadas simbolicamente no projecto de arte no espaço público, *Seven Paces*, que registou sete das suas pegadas resultantes do caminho percorrido, em 2003, entre Bilbao e Roterdão.

Numa obra sem vocação académica, mas de grande rigor, Rebecca Solnit inclui um pequeno capítulo dedicado à prática do andar como arte. Ao inscrevê-la nas acções de resistência a modos de vida marcados pela velocidade e pela mecanização, a autora enquadra os artistas no conjunto de quantos optam conscientemente pela caminhada como modo de estar e ser, depois de esta ter deixado de dominar a experiência quotidiana. A redescoberta do acto de caminhar, do seu valor simbólico e do seu papel cultural resultariam do afastamento da vivência diária à qual se associava o andar como acção necessária para vencer distâncias, desempenhar as mais diversas tarefas ou observar protocolos sociais. Só um tal afastamento da realidade diária, ordinária e rotineira permitiria uma experiência renovada, tal como a propõem incessantemente os artistas, através de passagens intelectuais e emotivas, sensoriais e físicas. Este salto que os artistas cumprem conduzirá, por outro lado, a uma apropriação das suas intervenções por frequentadores dos sítios visados, permitindo o fechar de um círculo que começa nos trilhos definidos para utilizações específicas (com propósito utilitário), continua nos caminhos concebidos pelos artistas (com finalidade simbólica e estética), para terminar na acomodação a esses novos caminhos (com desígnio funcional).

---

<sup>7</sup> CARERI, 2004: 144.



**Fig. 1.**  
Matt Mullican –  
*Untitled*, 1993,  
Middelheim  
Museum, Bélgica.



**Fig. 2.**  
António Olaio –  
*Metro expandido*,  
2012, Circuito de  
Arte Pública de  
Paredes, Portugal.

Este círculo é visível nos trajectos criados por Matt Mullican e António Olaio, em contextos bem diferentes, recorrendo, o primeiro, aos signos comunicacionais que caracterizam o seu trabalho, e o segundo, à leitura simbólica de um objecto funcional, a régua de carpinteiro por estar associada à actividade dominante no local. Ambos recriam a paisagem e atravessamentos utilizados naturalmente por quantos percorrem o lugar.

Alguns projectos contemporâneos exibem de modo soberano a criação de caminhos, eixos culturais palmilhados por uma diversidade de utilizadores que

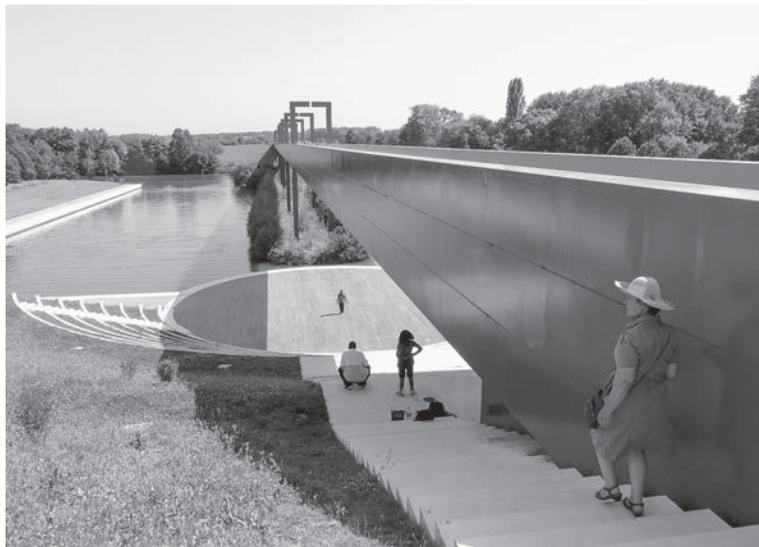


Fig. 3.  
Dani Karavan –  
*Axe Majeur*, 1980,  
Cergy-Pontoise,  
França.

beneficiam de estações simbólicas, artística e materialmente assinaladas, como acontece no extraordinário *Axe Majeur* que Dani Karavan (1930) acompanha ao longo muitos anos, a partir de 1980, num trajecto que desenha espaço e tempo, e cria paisagem.

Aquilo que é mais interessante nesta proposta é que ela irrompe, verdadeiramente, no território e na geografia cultural de uma área. A paisagem resultante está ao serviço de toda a comunidade e dos que acorrem de longe. Serve os de perto, proporcionando-lhes um eixo de leitura da sua matriz cultural, trazendo memórias, convocando figuras, assinalando espaços, facultando um trajecto ágil entre a povoação e o lago, espaços de estar, lugares de apresentação performativa, etc., mas serve também os de longe, esses que um feixe de luz orienta até outra cidade, e os de muito longe que afluem, por razões artísticas, a esta região. A cada um, a sua utilização e o seu significado. Em cada intervenção, a dimensão cultural subjacente, a leitura artística e a interpretação ou apropriação.

Certamente que as propostas que envolvem contacto físico e experiência corpórea, bem como as operações no território, conferem a esta tendência uma evidência e clareza inegáveis, mas outros artistas, no espaço da galeria, têm vindo a reflectir criticamente sobre os caminhos que invadem a paisagem e a denunciar a transformação que ocorre, em simultâneo, no sujeito e objecto. Baltazar Torres (1961), com a sua atenção às alterações radicais que a paisagem tem sofrido sob a pressão da acção humana e dos modos de vida actuais, com a acelerada extracção e esgotamento de recursos, tem abordado, não o caminho bucólico ou o circuito pedestre, mas a estrada asfaltada, ao mesmo tempo que, não sem ironia, refere

os efeitos que tal ruptura implica, sobre os frequentadores do mundo, o artista e todos nós. As obras *Recorriendo el paisaje*, de 2008, e *Big Hug*, de 2010-17, são bons exemplos da presença aguda dessas preocupações e do modo como vias negras rasgam a paisagem e perturbam a fisiologia humana.

A prática da caminhada tornou-se necessária, quer para artistas, quer para observadores. Na demanda das obras, motivada por localizações desafiadoras e improváveis, acontece o que Gilles Tiberghien denomina como *fuga do horizonte*, ou seja, o percurso acidentado dos observadores da arte e da paisagem perante um horizonte em deslocação, que retrocede, avança, baixa e sobe<sup>8</sup>. Tiberghien refere sobre esta condição ambulatória do observador:

*[...] o andar [...] designa um limite em movimento que, na realidade, não é mais do que aquilo que habitualmente designamos por fronteira. Esta acompanha as franjas, os espaços intermédios, os contornos indefiníveis que só podemos ver realmente quando caminhamos por eles<sup>9</sup>.*

Ao analisar estes caminheiros actuais, visitantes, Lucy Lippard analisa-os de modo mais prosaico, distribuindo-os por duas classes distintas, os de divertimento, esvaziamento, desresponsabilização e ansiedade que cultivam o parasitismo tácito do turista; e os que cultivam os valores de requinte e exclusivismo característicos de viajantes e expedicionários<sup>10</sup>.

Por último, também aos estudiosos da paisagem, se exige deambulação permanente e, assim como para os artistas se cunhou a expressão *walking artist* e com Hamish Fulton se dirá *No walk, no work*, para aqueles propomos a expressão *walking researcher*.



Fig. 4. Baltazar Torres – *Big Hug*, resina, latão, tecido e pintura de esmalte, 2010-2017.

<sup>8</sup> TIBERGHIEIN, In MADERUELO, 2000: 123-150.

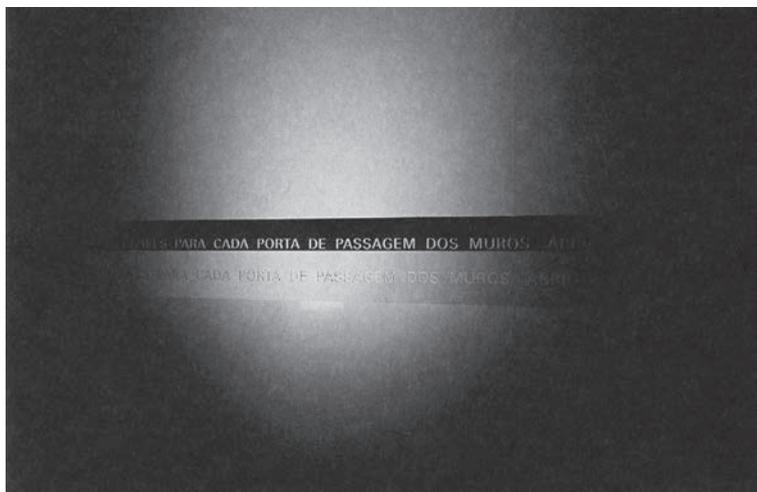
<sup>9</sup> TIBERGHIEIN, In CARERI, 2004: 16.

<sup>10</sup> LIPPARD, 1999.

A caminhada, a deambulação e a peregrinação transformaram-se em práticas obrigatórias de artistas, observadores e investigadores, experiências de imersão na paisagem *avant la lettre*, precedendo a terminologia própria do universo digital.

Far-se-á uma última referência a Ana Vieira (1940-2016) e à sua leitura poética e rememorativa da paisagem, através das suas palavras:

*Lembro-me que nos Açores, quando chegava da escola, pegava num molho de chaves e dirigia-me a uma parte da propriedade, mais perto do mar. Nessa zona existiam grandes muros de pedra que abrigavam a vinha da maresia. Esses muros dividam o terreno em compartimentos, cuja passagem se fazia através de portas com fechaduras, todas elas diferentes. Todos os dias tinha de fazer esse percurso. Há, portanto, vivências marcantes e esta foi com certeza uma das mais interiorizadas. Absorvi aquele espaço, a ambiguidade de ser aberto e simultaneamente fechado, de ter passagens, de implicar um tempo e uma cadência, e, finalmente, as pulsações de um percurso<sup>11</sup>.*



**Fig. 5.**  
Ana Vieira – *As chaves*, 13 elementos de acrílico pintado com frases recortadas a laser, 2008.

As chaves de Ana Vieira servirão de metáfora para passarmos a outros caminhos, não tão intimistas como os que os artistas propiciam, mas outros que nos levam longe.

## CAMINHOS DA MUSEOLOGIA

A arte na paisagem constitui uma das práticas que mais modelos híbridos ajudou a criar. Nas últimas décadas assistiu-se ao surgimento de estruturas com-

<sup>11</sup> MATOS, 2008: 93

plexas e híbridas que sobrepõem todas as camadas da paisagem, incorporam os seus diferentes usos e atraem uma multiplicidade de agentes e utilizadores. Estas estruturas evidenciam influências de várias disciplinas, renovadas a partir das décadas de 60 e de 70, de que podem destacar-se: a museologia, nomeadamente, através dos conceitos de museu de território e de eco-museu; a cultura ecológica manifestada a partir dos anos 60 em documentos normativos, recomendações e convenções sobre protecção, salvaguarda e conservação de bens naturais, ambientais, de belezas panorâmicas, de recursos patrimoniais e, igualmente, em livros de denúncia e em associações de consciencialização ecológica<sup>12</sup>. Estruturas onde se reúne cultura e natureza, história e ambiente, arte e arqueologia, elas configuram-se sob a forma de parques, itinerários, sítios em reconversão ambiental ou simples projectos de intervenção na paisagem. Todas se revêem no conceito de “cultura de conveniência”, expressão de George Yúdice que designa uma cultura promovida a pretexto de outros factores, à partida, estranhos: o turismo e a criação de roteiros; o planeamento territorial e a valorização de recursos paisagísticos; as políticas de reabilitação de áreas industriais, de pedreiras, de campos de manobras militares; as políticas sociais de integração<sup>13</sup>. Dos recursos mais utilizados nesta óptica têm sido a arte contemporânea, a preservação patrimonial, o conhecimento arqueológico do meio, sistematicamente introduzidos a caminho de outras realidades de desenvolvimento sustentado do território.

O *Centre International d'Art et du Paysage de l'Île de Vassivière*, na zona do Limousin, em França, surgiu em 1983 e ocupa uma área de 70 hectares. É um dos excelentes exemplos destas práticas híbridas, destes caminhos cruzados.

O parque está instalado numa ilha, no centro de um lago artificial resultante de uma barragem construída entre 1947 e 1950. Uma residência senhorial do século XVII, com modificações e acrescentos no século XIX e XX, pertencente à família Vassivière, transformou-se em espaço destinado às residências artísticas. Entre 1983 e 1985, as primeiras presenças artísticas na ilha de Vassivière resultam de dois simpósios de escultura em granito. Em 1986-87 os arquitectos Aldo Rossi (1931-1997) e Xavier Fabre (1950) projectaram o edifício do Centro de Arte Contemporânea que realiza exposições e acolhe um estúdio. No ano seguinte o local recebe outras peças encomendadas pelo Centro de Arte, depósitos provenientes das colecções oficiais, nomeadamente do FNAC (Fonds National d'Art Contemporain) e do FRAC (Fonds Régional d'Art Contemporain) e, finalmente, de empréstimos de colecionadores privados. Nos finais dos anos 80 e início dos anos 90 têm lugar as primeiras encomendas, instalações *in situ*, inspiradas no lugar e na sua história.

<sup>12</sup> CASTRO, 2012.

<sup>13</sup> YÚDICE, 2005.

Em 2002 Gilles Clément inicia o estudo intitulado *Charte Paysagère du Pays de Vassivière* e sub-intitulado, sintomaticamente, numa região baseada nas questões hidrológicas, *Boire l'Eau du Lac – Étude opérationnelle paysage et environnement pour le Lac de Vassivière*. Logo na introdução o autor recusa o carácter exclusivamente estético do estudo e refere que as suas linhas de força residem na qualidade da água, na qualidade dos solos e na qualidade do ar, ao que acrescenta:

*A intenção, quer dizer, o projecto desta carta consiste na manutenção e na melhoria dos componentes do equilíbrio biológico, os únicos capazes de regular, de forma harmoniosa e económica, os componentes estéticos. Nesta abordagem, “paisagem” e “ambiente” encontram-se intimamente ligados<sup>14</sup>.*

Os diversos usos atribuídos a este território são servidos por caminhos que conduzem à criação de paisagem e de património, à revitalização de zonas recuperadas para uso cultural, à reclamação do território para a arte e a cultura, à controvérsia e ao debate.

A convergência de uma multiplicidade de utilizadores deste lugar, aqueles que vivem na área, os promotores turísticos e quantos para ali se deslocam no Verão e os artistas, gera um confronto tenso com as características do sítio que a intervenção artística desvenda, enfatiza ou questiona, bem como com a respectiva memória cultural e social, por vezes, incómoda. Nestes núcleos de arte e paisagem estão implicados o regime cívico (que visa a promoção de comportamentos respeitadores do meio); o regime moral (que assume carácter ecológico); o regime social (cujos rituais aqui se aplicam ao turismo).

## CAMINHOS DA EPISTEMOLOGIA

Gostaria, finalmente, de terminar, aproveitando esta ideia de caminhos que nos levam a lugares próximos ou que nos conduzem a lugares distantes, trazendo a metáfora para o campo epistemológico.

A paisagem é um dos tópicos de trabalho mais férteis, um dos objectos de estudo que mais cruzamentos e relações interdisciplinares promove. O renovado e persistente interesse sobre a paisagem tem ocupado as mais diversas disciplinas e práticas culturais, num impulso epistemológico que refundou o seu entendimento, da geografia à antropologia, da arqueologia à história da arte, da arquitectura e do urbanismo à ecologia, da estética à museologia<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> CLÉMENT, s.d.

<sup>15</sup> CASTRO, 2012.

No contacto entre terminologias, metodologias e perspectivas, promovem-se apropriações, gera-se um campo de influências mútuas e citam-se frequentemente autores fora do domínio estrito que moldou uma abordagem inicial. Das grandes alamedas, eixos já consolidados do pensamento e da investigação, entra-se em vias secundárias, envereda-se por becos sem saída, procuram-se desvios e atalhos, abrem-se novos caminhos.

Na relação entre disciplinas o regime da importação parece dominar. O da colagem também vigora, em certas situações. Num caso como noutro, este tráfego cruzado e a ocupação do espaço científico por novos campos de estudo, geram tensões próprias dos processos novos, zonas de resistência. O balanço de vantagens e desvantagens resultantes desta contaminação, o desafiar das classificações oficiais e das nomenclaturas disciplinares que não são, nem estáveis, nem eternas são sempre positivos. À pergunta se visamos um campo específico, com terminologia e metodologia próprias ou se devemos enfrentar uma verdadeira dimensão interdisciplinar, responde W.J.T. Mitchell com a sua preferência pela dimensão de indisciplina<sup>16</sup> sobre a de interdisciplina<sup>17</sup>. De acordo com aquela perspectiva, os caminhos circulam por entre as disciplinas, não as negam. Têm a vantagem de dar a perceber que nenhum objecto de estudo é propriedade de uma única disciplina ou dela fica refém. Os objectos vagueiam por esses caminhos difusos que permitem aos cultores de uma enorme diversidade de disciplinas participar em congressos como o que origina esta publicação e pensar os seus tópicos de estudo numa confluência de vias.

## BIBLIOGRAFIA

- ASSUNTO, Rosario (2002) – *Paysage, milieu, territoire: une tentative de mise au point conceptuelle* (1976). “Les Carnets du Paysage”, 8 Printemps/Été, p. 60-63.
- BERQUE, Augustin (1995) – *Les Raisons du Paysage de la Chine antique aux environnements de synthèse*. [S.l.]: Hazan.
- CARERI, Francesco (2004) – *Walkscapes. El andar como práctica estética*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- CASTRO, Laura (2012) – *Exposições de Arte Contemporânea na Paisagem. Antecedentes, práticas actuais e problemática*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.
- CLÉMENT, Gilles (s.d.) – *Charte Paysagère du Pays de Vassivière – Boire l’Eau du Lac – Étude opérationnelle paysage et environnement pour le Lac de Vassivière*. Disponível em: [http://www.ciapiledvassiviere.com/documents/Charte\\_Paysagere/Charte-Paysagere-8.pdf](http://www.ciapiledvassiviere.com/documents/Charte_Paysagere/Charte-Paysagere-8.pdf) [Consulta realizada em: 4/03/2017].

<sup>16</sup> GRØNSTAD & VÅGNES, 2006.

<sup>17</sup> MITCHELL, 1995: 540-544.

- CORNER, James, ed. (1999) – *Recovering Landscape. Essays in Contemporary Landscape Architecture*. New York: Princeton Architectural Press.
- GRØNSTAD, Asbjørn; VÅGNES, Øyvind (2006) – An Interview with W. J. T. Mitchell. In *Image [& Narrative Online Magazine of the Visual Narrative*, Vol. VII, 2 (15), November 2006. Disponível em: <http://www.imageandnarrative.be/> [Consulta realizada em: 4/03/2017].
- LIPPARD, Lucy R. (1999) – *On the Beaten Track. Tourism, art and place*. New York: The New Press.
- MATOS Sara Antónia (2008) – *Entrevista a Ana Vieira*. In *Moradas: Ana Vieira, Catarina Câmara Pereira, Fernanda Fragateiro, Fernando Brízio*. Lisboa: Assírio & Alvim, Fundação Carmona e Costa, p. 43-54.
- MITCHELL, W. J. T. (1995) – *Interdisciplinarity and Visual Culture*. In “Art Bulletin” December, Vol. LXXVII N. 4, p. 540-544.
- MORRIS, Robert (1980) – *Notes on Art as/and Land Reclamation*. In “October” Vol. 12 (Spring), p. 87-102. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/778576> [Consulta realizada em: 4/03/2017].
- ROGER, Alain (1978) – *Nus et Paysages. Essai sur la fonction de l'art*. s.l.: Aubier.
- SCHULZ-DORNBURG, Julia (2002) – *Arte e Arquitectura: novas afinidades*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- SOLNIT, Rebecca (2002) – *Wanderlust. A History of Walking*. London: Verso.
- TIBERGHIE, Gilles (2000) – Horizontes. In MADERUELO, Javier, ed. – *Arte Público: Naturaleza y Ciudad*. Lanzarote: Fundación César Manrique, 2000, p. 123-150.
- YÚDICE, George 2005 – *The Expediency of Culture. Uses of Culture in the Global Era*. Durham and London: Duke University Press.